

AS MULHERES DE IVANA: UMA REFLEXÃO SOBRE O SER FEMININO E OS DISCURSOS SOCIAIS NA LITERATURA A PARTIR DO CONTO QUATRO DOLORES

Claudénice da Silva Souza
Livramento Fernanda de Lima Araújo
Joseane dos Santos
Orientadora Prof^ª. Dra. Rosângela de Melo Rodrigues

Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: clau909silva@gmail.com
Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: livfernanda2@gmail.com
Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: zeane.jo@hotmail.com
Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: rosangela-melo@uol.com.br

Resumo: Refletir sobre o ser mulher e sobre as condições em que são colocadas dentro da sociedade não é algo tão simples, pois é difícil e custoso aceitar que esta sempre relegou um lugar ínfimo a seres humanos apenas pelo fato de serem do sexo feminino. Quando vamos tratar da reflexão acerca dos discursos históricos e sociais que estão por trás disso, o quadro de compreensão acerca do assunto se torna emblemático. Indagações das mais variadas surgem numa tentativa de escancarar as questões que levam as mulheres a protestar e a não aceitar serem subjugadas pelo meio do qual fazem parte. A literatura, em suas mais diversas nuances, é um meio pelo qual os discursos são amplamente ressignificados dando voz aos excluídos, oprimidos à medida que escancaram para a sociedade sua verdadeira face. Nesse âmbito, a literatura da escritora Ivana Arruda Leite se torna um exemplo mais especificamente no conto Quatro Dolores. Pensando desse modo, este trabalho tem como objetivo a compreensão de como se configuram as vidas de quatro mulheres homônimas no conto – ou nos contos – Quatro Dolores, pois são quatro pequenos contos com um único nome. As Dolores têm anseios que vão além dos lugares já determinados pelo social e pelos discursos opressores. A temática da prostituição permeia as histórias das personagens fazendo-nos indagar sobre liberdade e o direito de ser mulher. A leitura instiga o leitor a procurar respostas para as almas dessas personagens e a compreender o lugar que muitas vezes a literatura ocupa como forma de resistência e de poder ao dar visibilidade à subjetividade e aos desejos dos seres femininos e questionando os lugares em que, muitas vezes, as mulheres estão, mas que não as satisfazem. Como apoio teórico a este trabalho evocamos Bakhtin (1997) com suas reflexões acerca da linguagem e a interação bem como Nascimento (2008) e Carvalho (2000), que discutem sobre a condição feminina na sociedade.

Palavras-chave: Mulher, Quatro Dolores, Liberdade.

Palavras iniciais

Adentrar o terreno das discussões sobre as mulheres não é tarefa fácil. Compreender determinadas atitudes e personalidades muito menos, principalmente se tratando de tão desafiadora temática quanto a prostituição de mulheres dentro da literatura.

As mulheres lutaram durante muito tempo para conquistar o seu espaço e os mesmos valores que os homens dentro das sociedades patriarcais. A ideia que prevaleceu por séculos e séculos era a de que as elas eram seres inferiores que não tinham os mesmos direitos e valores que os homens. Estes podiam escolher suas parceiras, mandar nelas, traí-las e maltratá-las, porém nada disso era permitido a elas. É estarrecedor pensar que houve uma época em que as mulheres eram propriedades dos homens – primeiro dos pais e depois de seus maridos –, que a elas era dispensável aprendizagem e cultura, para que nada contestassem da ordem pré-estabelecida.

Se todas as mulheres eram consideradas como menores que os homens em inteligência e valor, podemos imaginar o lugar delegado àquelas que levavam uma vida de troca de sexo por dinheiro. Houve lutas e mais lutas e conseguiram autonomia, ainda que muitos hoje em dia mantenham um certo preconceito em relação à igualdade entre homens e mulheres. As mulheres conseguiram uma grande diminuição da distância entre os direitos. Contudo, a liberdade para trabalhar com o sexo ainda é vista como algo à margem da sociedade.

A prostituição é considerada uma das profissões mais antigas do mundo. As meretrizes ou cortesãs, como eram chamadas na antiguidade, aparecem em vários momentos da história, mostrando-nos sempre uma divisão entre as prostitutas pobres e as que pertenciam à elite. Inicialmente eram tidas como cultas, inteligentes. Com o passar dos anos e o surgimento da instituição familiar e a busca por uma prole, foi fazendo com que a situação mudasse.

Esta pesquisa é significativa no tocante ao modo como a literatura de Ivana Arruda Leite, mais especificamente no conto – que são quatro na verdade – Quatro Dolores, coloca os fatores que levam as mulheres à prática da prostituição, seja familiar, financeira ou escolha própria. Na literatura, a temática expande seus horizontes de justificativa e adentra nas almas oprimidas ou insatisfeitas das personagens homônimas Dolores. Portanto, este trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão acerca do *ser mulher* como também a compreensão dos modelos já estabelecidos do feminino e o modo como as mulheres se portam diante disso.

Aspectos teóricos sobre mulher e prostituição

A prostituição passou a ser considerada uma doença, um mal que ameaça a saúde física, moral e social do conjunto da população urbana (ENGEL, 1989 apud NASCIMENTO, 2008), e para o tratamento deste mal um dos *remédios* mais eficazes seria excluir as prostitutas do convívio social com pessoas detentoras dos bons costumes na sociedade. No entanto, essa temática se mostrou bastante complexa, pois existiam pessoas que defendiam que para que o homem mantivesse seu equilíbrio era necessário que conseguisse extravasar sexualmente suas energias, e assim deviam utilizar as prostitutas, mulheres libertinas que tinham a obrigação de agradá-los. Desse modo, vemos claramente o poder masculino sendo exercido desde sempre.

No Brasil, o autoritarismo da sociedade burguesa da época e a própria constituição trabalharam para marginalizar e até mesmo criminalizar a prostituição, pois queriam uma *república moderna* e, para tal, teriam de ter um país livre de imoralidades, propagando assim um ideal de mulher detentora dos bons costumes, e que aceitassem o direito sobre os seus bens.

Nesse sentido, é perceptível que a mulher não tinha controle sobre a sua vida, e que era considerada somente mais uma “posse” para seu marido. Aquelas que não estivessem de acordo com estes moldes não serviam para ocupar o respeitável lugar de *mãe de família*.

Desta forma, criou-se a ideia de que todas as mulheres desejavam casar. Aquelas que não eram *agraciadas* com tal dádiva e que, por alguma razão, tiveram de se tornar independentes, de vida livre, acabaram tornando-se causadoras de uma mazela à sociedade: a prostituição. Já que não conseguiram extingui-las, resolveram vitimizá-las, ou, pelo menos fazer com que seguissem algumas regras. Então, por exemplo, elas teriam de se higienizar para não causar danos durante o exercício de suas profissões e, por outro lado, não poderiam ser punidas pela justiça tão facilmente, pois essas mulheres não deveriam nem tinham como ser, muitas vezes, responsáveis pelo que faziam, pois, segundo Nascimento (2008, p. 70, grifo nosso), “porque eram verdadeiras vítimas do mais baixo grau de *miserabilidade humana*”. O termo *miserabilidade humana* demonstra o modo como era concebida a situação das mulheres que se prostituíam, elas eram miseráveis.

São diversos os rótulos com os quais as mulheres que se prostituem são denominadas de modo pejorativo, a saber: perdidas, decaídas, imorais, libertinas, mulheres de vida fácil etc., por diferentes camadas que representam o poder na sociedade: médicos, juristas e até mesmo autoridades religiosas. Mas, mesmo colocando-as como inferiores e sem valor, a maioria deles procurava, pois a libido sexual não poderia ser totalmente reprimida, “devendo haver assim os ‘receptáculos’ pra canalizar esses desejos e assim proteger as moças casaidoras” (NASCIMENTO, 2008, p.73, grifo da autora). O homem é colocado como ser superior para quem o sexo não pode ser reprimido.

Então, para haver a liberação dos desejos masculinos existiam as prostitutas, consideradas como receptáculos.

Portanto, é explícito que as mulheres que negociam o sexo, que saem com diversos homens são colocadas em total desvantagem em relação àquelas que são exaltadas como *de família*. Para essas mulheres, são severos os códigos de conduta moral, que demarcam a submissão e a subserviência a um companheiro (CARVALHO, 2000). Ou seja, aquelas que são destinadas ao casamento são consideradas respeitadas, porém precisam obedecer à moral já estabelecida.

Normalmente, a prostituição é atribuída a dificuldades com relação à pobreza, doenças na família, abandono pelo marido – daí a necessidade de sustentar as crianças, falta de emprego e outros motivos que tenham a ver com meio financeiro e familiar. De acordo com Carvalho (2000), Parent-Duchâtelet, um famoso médico, também colocava as questões econômicas como justificativa, pois a mulher desfavorecida economicamente já era “predisposta ao comércio do sexo pela sua ‘tendência natural’ ‘a desocupação e a licenciosidade’” (p. 35). Como vemos, a sociedade impunha à mulher pobre um lugar de inferioridade e miséria. O termo *tendência natural* defendido pelo médico supracitado soa como um preconceito e tem a ver com a concepção equivocada de que a mulher pobre naturalmente tem uma predisposição a ser prostituta. Ou seja, por serem desfavorecidas financeiramente e, conseqüentemente, por não terem posição e voz dentro da sociedade elas tenderiam a ser submissas à sua situação e buscariam de modo natural a vida à margem.

Segundo Gaspar (1988 apud CARVALHO, 2000), no Brasil, de fato, a questão da miserabilidade financeira é um dos principais motivos da prostituição. Contudo, Carvalho (2000) aponta que em outros países não é visto exatamente por esse viés, como nos Estados Unidos, por exemplo, em que, segundo a autora, a prostituição se dá mais por uma escolha ou na França, ela complementa, em que está mais associada à falta de informações ou inocência por parte das mulheres. Portanto, ela assevera, não há uma única explicação definitiva para a temática. Autores como CASTRO (1993), RAGO (1996) ou GASPAR (1988) consideram que há outra vertente justificativa para a prostituição, que é a perversão sexual (apud CARVALHO, 2000). Para eles, características tipicamente naturais das mulheres seriam desvirtuadas e haveria, conseqüentemente, uma perversão dos valores e, claro, da conduta das mesmas.

Uma reflexão sobre as Dolores e as mazelas de não poder ser o que se quer

A seguir, interpretaremos os contos de Ivana Arruda Leite e tentaremos perscrutar as almas das Dolores a fim de compreender, ao menos um pouco, os segredos escondidos nas vontades e comportamentos das personagens. Os contos são narrados em primeira pessoa e mostram a realidade de quatro mulheres em quatro contextos sociais e psicológicos diferentes. O nome Dolores dado às quatro mulheres remete à dor e nos faz inferir muitas coisas sobre os destinos delas.

Antes de apresentarmos as narrativas e suas peculiaridades, é mister explicar um pouco acerca do que Bakhtin (1997, p. 114) fala em relação à enunciação. Para ele,

[...] A situação dá forma à enunciação, impondo-lhe esta ressonância em vez daquela, por exemplo, a exigência ou a solicitação, a afirmação de direitos ou a prece pedindo graça, um estilo rebuscado ou o simples, a segurança ou a timidez, etc. A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor.

Essas reflexões do autor em destaque são necessárias à medida que nos faz perceber que o contexto em que ocorre determinado fato é quem vai conduzir os rumos da enunciação. Ou seja, se relacionarmos com o discurso literário dos contos de Ivana Arruda Leite poderemos afirmar que há toda uma situação social de preconceito envolvendo o sexo feminino que acaba por ressoar nas narrativas da autora a partir do momento em que ela sente a necessidade de expor facetas similares ao que vemos na sociedade: mulheres que não estão felizes nos lugares em que foram obrigadas a estar.

Como mesmo defende Bakhtin (1977), as pressões sociais acabam por determinar muitas vezes os discursos que serão proferidos, até mesmo – e talvez principalmente – na literatura, o que nos faz pensar que com certeza a escritora pode ter se baseado no quadro social existente em sua época, isto é, criou o ambiente em que suas personagens vivem para representar justamente a situação de inferioridade impingida às mulheres pelo meio social.

Ainda sobre esse fato, o autor explica que mesmo que a enunciação esteja em sua fase inicial, isto é, ainda não tenha se realizado verbalmente, ela já possui uma estrutura social. Se relacionarmos com a questão literária, podemos pensar que a ideia da autora de colocar quatro mulheres em contextos divergentes está diretamente apoiada numa experiência vivenciada socialmente.

Partimos, então, para uma explanação dos contos lidos. A Dolores 1 apresenta um forte incômodo com o fato de as pessoas olharem para ela e a julgarem uma mãe e esposa exemplar. Desde o início do conto, a personagem torna esse fato o mais visível, pois ela não é o que pensam. O problema está justamente nesse ponto, ela parece ser algo que não é.

A personagem se pergunta por que pensam assim dela e ela mesma sugere que tanto o ar dócil quanto a submissão talvez sejam os responsáveis pela impressão que as pessoas têm sobre ela. Podemos interpretar essas características como sendo pertencentes ao modelo de mulher, que precisa ser dócil, frágil, submissa etc.

O marido da personagem tem conhecimento sobre a verdadeira Dolores. Ela revela no conto que se for perguntado ao marido sobre quem é ela “ele dirá que sou péssima dona de casa, que não sei passar suas camisas, não lavo minhas calcinhas e os móveis vivem cobertos de poeira” (LEITE, 2002, p. 59). Ela diz também que será ouvida uma gargalhada, um deboche em relação à opinião inocente sobre a esposa. “Além de não cuidar dos nossos filhos como toda mãe deveria”, ela acrescenta.

Ou seja, ao que parece, há uma série de tarefas que cabem apenas às mulheres, como se apenas a elas coubessem o papel de cuidar da casa e da família. No âmbito dessa constatação, Andrade (2013) destaca que com a institucionalização da mulher passou a existir a valorização de um “sólido ambiente familiar; lar acolhedor; filhos educados; esposa dedicada ao marido e às crianças; ideal de retidão e probidade; tesouro imprescindível” (p.10). Portanto, a importância do ser feminino está atrelada à sua funcionalidade. Como bem coloca a personagem, ela deve responsabilizar-se pelos filhos, embora ambos – ela e o marido – sejam responsáveis legais e biológicos pelas crianças.

Dolores 1 é uma personagem crítica e analisa sua própria conduta, raciocina sobre seu próprio ser e afirma que o que a impede ser uma mãe e esposa exemplar é o seu *temperamento*. Vemos, então, o julgamento da personagem em relação a si mesma intrinsecamente ligado ao julgamento exterior de que a mulher exemplar deve ter um comportamento estável, domado e controlado dentro dos padrões impostos. Há uma fina e cortante ironia ao modo de se conceber o sujeito mulher, pois de acordo com a própria Dolores, mãe ou esposa exemplar não pode ser incerta. “Nenhuma mãe ou esposa exemplar pode ser tão imprevisível. Pode ser porca, relaxada, preguiçosa, péssima cozinheira, mas imprevisível não” (LEITE, 2002, p. 59). A condição humana de não ser sempre a mesma coisa, de falhar perante as situações da vida é negada a essa mulher.

Adiante, a personagem revela mais uma faceta de sua personalidade, a religião como amparo para a angústia diante do que sente. Desse modo, é mostrada a submissão não apenas à sociedade que a subjuga, mas também a uma força superior que pode redimi-la no ato de confissão. Os traços de personalidade da personagem são complexos e suas atitudes beiram à crueldade quando revela querer matar os próprios filhos de modo sórdido e calculado; um modo seria afogando-os no vaso sanitário e outro – que aparenta ser mais preparado – dando aos filhos *toddy* com veneno. É nesse momento que surge um sentimento *apenas* repentino de culpa, ela nem ao menos compreende porque sentir essa culpa, como se matar os filhos fosse algo trivial. Atrelado a isso está o fato de que ela se refere aos filhos como *filhotes*, a condição de animalidade que ela mesma se dá. Ao procurar ajuda com o padre, não encontrou porque também ele via nela a esposa e mãe perfeita. Todos a viam assim e a consciência disso fazia-lhe entrar em um estado de melancolia profunda a ponto de referir-se a sua vida como um *inferno*.

A personagem é tão deslocada dentro dessa sociedade opressora que prefere pensar em um meio alternativo, que seria a sua vocação verdadeira, ser puta. Algo totalmente contrário ao que a mulher/mãe/esposa exemplar deve ser. Por não se encaixar nessa concepção, ela procura uma opção cabível na qual possa ser livre, solta, sem responsabilidades e, principalmente, feliz. Contudo, mesmo estando recostada a um balcão de posto de gasolina, fumando, enfeitada com batom vermelho e ouvindo rádio de pilha, a visão de boa mulher ainda a persegue, o motorista a considera ainda uma excelente mãe, mesmo que ela tenha transgredido a moral imposta.

Novamente, vemos um estereótipo de mulher, dessa vez em relação àquelas que optam por não seguirem o padrão pré-estabelecido, a sociedade coloca as prostitutas à margem, como se não tivessem valor algum. Pela própria descrição da personagem, estar em um balcão de um local como o posto de gasolina, com um batom vermelho na boca e o radinho de pilha são elementos constituintes de uma mulher que vende o próprio corpo, uma *puta*, vocábulo do qual ela se utiliza para enfatizar ainda mais o lugar de promiscuidade perante a situação. Vale ressaltar que é justamente nesse contexto que Dolores quer estar, embora se entristeça por não obter êxito no julgamento dos que a veem. Ela continua sendo a mulher/mãe/esposa.

A personagem do segundo conto é uma Dolores que, assim como a primeira, também se incomoda com a imagem que os outros têm dela. Sendo uma mulher livre, não gosta que achem que ela é séria, mais uma vez a autora coloca personagens que são vistos de modo diferente do que, de fato, são. Essa, ao contrário, da outra, é liberta, vai a botecos, bebe. Ela tem a vida que escolheu ter, ao contrário de muitas mulheres que se prostituem por motivos trágicos, como apontamos nas

justificativas para a prostituição nas quais Carvalho (2000) argumenta que muitas mulheres entram em tal ramo por dificuldades financeiras e ou familiares.

Os motivos que levaram Dolores 2 a ser assim nada tem a ver com os usualmente utilizados para justificar sua atitude, pois diz que sempre foi bela. Nisso, ressoa um certo estereótipo de que apenas as mulheres feias não têm outras possibilidades na vida e acabam, por isso mesmo, sendo prostitutas. As mulheres bonitas não; não precisam seguir essa vida.

Contudo, apesar de ser bonita, o problema é o temperamento. Novamente, a questão da perfeição que a mulher deve ser. Dolores 2, sendo bonita, seria perfeita se não fosse o temperamento que, no dizer da personagem, é apontado como um problema, o pai reclama e diz que ela “vai acabar solteira, não tem homem que agüente mulher assim” (LEITE, 2002, p. 61). Ou seja, para Dolores casar-se precisaria ser dócil. O casamento é no conto visto como o ponto alto da realização da mulher. Como ainda não tinha casado, implicavam com ela, punham-lhe apelidos, as feias estavam todas casando e ela ficando para trás. Percebe-se uma exaltação da beleza da mulher, como se às feias não fosse dado o direito à felicidade de um casamento. Observamos, portanto, que, nesse caso, a beleza serve ao propósito do casamento. A solução que a personagem encontra é bastante peculiar e choca de início o leitor que não é acostumado a ler a literatura com mulheres firmes e donas de si mesma, ela toma a decisão de se tornar puta.

Logo em seguida da estarrecedora revelação, a personagem conta que tendo ficado sentada em um baile a noite toda – possivelmente nenhum homem queria dançar com ela por causa de seu temperamento – decide pedir um homem em casamento. Alfeu era o homem mais feio da cidade e Dolores se vangloria disso.

É possível apontar que a concepção dela tem a ver com a liberdade de escolha que a mulher puta tem. Não importava que ele não tivesse atrativos – o que escandalizava ainda mais, o que importava era que *ela* tinha lhe pedido em casamento. *Ela*.

Interessante é apontar que Dolores ousa, diz-se puta e faz aquilo que querem que ela faça. Nesse sentido, fazer-se autônoma dentro daquilo que lhe permitiam ser, uma esposa. Iam à missa de braços dados, como ela faz questão de enfatizar. Por não suportar mais as implicâncias com ela por não ter marido ela teve de casar. Dolores punha-se à janela com seu vestido decotado na casa que Alfeu lhe dera – a narradora-personagem coloca a autonomia do homem: *ele* lhe dera uma casa, fumando e ouvindo o radinho de pilha. Novamente, os elementos que compõem uma mulher liberta, que podia colocar vestido decotado, fumar e ouvir rádio.

Mudou-se para São Paulo porque ele foi transferido. Com ele tinha paciência, afinal Alfeu lhe dera a sonhada liberdade em forma de casamento, que calou os murmúrios das pessoas sobre ela virar uma solteirona – para se utilizar de uma expressão da personagem. No final da narrativa, descobrimos que a personagem fala de um tempo já passado, porque ela e o marido já têm vinte e cinco anos de casamento. A aliança com Alfeu foi a libertação de que precisava. A liberdade era tamanha que lhe era permitido encostar-se a um balcão de padaria e tomar uma cerveja só, como ela faz questão de enfatizar colocando o vocábulo, *sozinha*, solitariamente em uma frase, assim como ela se sentia e era, *sozinha*, independente, tão independente que não necessita de ninguém ao seu lado – o marido ou qualquer outra pessoa – para usufruir de seus momentos de felicidade. A personagem concebe o ser puta a seu próprio modo, pois se considera uma, mesmo sem ter dormido com nenhum homem. De acordo com ela, não perdeu a virgindade. Dolores foge à regra de consumir o casamento com o ato sexual.

A Dolores 3 é revoltada com a mãe porque esta a deixou em um orfanato, subjugando-a a um triste destino. A mágoa que sente pela mãe é exteriorizada através do xingamento, *vaca*, seguido do verbo *embarrigar* – que soa depreciativo – e não engravidar, que seria o termo correto. Ser freira não foi uma escolha dela, impuseram-lhe isso, primeiro porque a mãe a abandonou; segundo porque continuou no orfanato.

Vivendo enclausurada foi privada de uma vida sexual, como compete às mulheres que fazem os votos. Dolores, porém, explicita seu desejo carnal e sonha com uma vida fora daquele lugar. Não apenas a fuga do orfanato, mas a busca por algo melhor, e o melhor para ela está no órgão sexual masculino, objeto de seu desejo.

Ela tem aversão ao ambiente no qual vive e, por consequência, às vestes que usa. O hábito, que para ela é desconfortável, a prende e a relaciona àquele lugar. Seu objeto de libertação e único meio de informação é um radinho de pilha – presente nos dois contos anteriores. Para todos os recantos do convento, ou para além de sua imaginação, Dolores leva o radinho.

Para a personagem, quem vive de verdade são as putas, porque podem desfrutar de vários homens e lugares. Dolores, mesmo repudiando o orfanato e as freiras, segue a educação religiosa que lhe foi dada. Deus é evocado no momento em que a personagem pensa que se pudesse ter outra vida pediria a Ele para ir com a sua mãe. Em Deus, ela fantasia algo que está além de sua condição e não xinga a mãe como no início do conto. Contudo, ela retoma a agressividade ao descrever que queria ir com a mãe para que as duas fossem putas. O modo como a personagem concebe o *ser*

promíscuo *puta* é como a mulher que abandona o filho, pois na narrativa não há indícios que a mãe dela fosse uma prostituta.

A vida que ela almeja com a mulher que a concebeu diverge da lógica afetiva natural e da imagem que se tem de um filho e de uma mãe. A personagem divaga sobre uma cena em que as duas mantêm relações sexuais com homens no mesmo ambiente e ainda trocariam naturalmente o parceiro para comparar qual obteve melhor desempenho. Dolores fala dessas atitudes não-convencionais de maneira trivial.

Dolores 4 inicia a narrativa se identificando, diferente das outras ela se apresenta e afirma com certeza ser puta. Mas não é feliz levando a vida libertina que todas as outras Dolores almejam. Para ela, sua condição de ter de suportar homens bêbados, velhos, sujos e mal-educados é um terrível suplício.

Enquanto todas as outras querem se aventurar, libertar-se tendo vários homens e podendo dormir em diferentes camas, a paz que esta deseja é aquilo que as outras condenam. Dolores exprime, quase numa utopia, seu desejo de ter uma vida simples e pacata de dona de casa, daquelas *bem comportadas*, ela enfatiza. Isso evidencia um modo de ser das mulheres que vivem apenas no lar, submissas a seus maridos e com seus singelos afazeres domésticos. Dolores queria pertencer a essa classificação, atender a todos os critérios cabíveis a uma comportada dona de casa, cuidar dos filhos e do lar, passar roupa, cozinhar e ouvir radinho de pilha pendurado na janela. O objeto que nos outros contos caracteriza a mulher depravada neste representa a cômoda felicidade doméstica.

Quando a personagem quer ser uma simples dona de casa anseia por ser aquilo que a Dolores 1 é, mas renega. Queria entregar-se para um único homem, ao contrário da vida em que vive na qual precisa *abrir as pernas* – a expressão é da personagem – para qualquer um. A personagem do primeiro conto era casada e monogâmica, porém precisava de mais, queria mais.

Enquanto a esposa reclama por ter a aparência de mulher correta e viver com um homem só, a prostituta cobiça a possibilidade de ter apenas um. A Dolores 4 queria a dádiva de escolher o que fazer de si mesma e de seu corpo. Ou até não praticar – a conjunção alternativa *ou* é colocada no conto assim mesmo, separada do que é dito anteriormente – se não quisesse, como a Dolores 2, que mesmo sendo casada opta por continuar virgem. Dolores 4 resignou-se à vida que tem, crê em destino e no Deus que ela evoca como *pai*. A prostituta atribui a Deus o destino que teve, mas não sente raiva do ser superior por isso. A personagem afirma e reafirma que seu *sonho mesmo, de verdade*, era ter sido aquilo que a Dolores 3 é e repudia, freira. Ela não tinha nenhum apego à vida sexual nem mesmo se fosse para se dar a um só homem no meio familiar, o casamento, por

exemplo; abandonaria até o fato de optar por manter relações com um ou nenhum, sendo que as freiras não podem sequer pensar nisso, ao contrário do que a Dolores 3 fazia. Dolores 4 não teve opção de escolher. A vida a subjugara a comprar medicamentos para a mãe, sustentar o alcoolismo do pai e manter o vício do namorado. Mais uma vez a questão social é explícita e determina o destino da mulher. Ela era pobre e por isso teve de vender o corpo e se enclausurar em tal vida. Doou-se para os outros e esqueceu-se de si, tornou-se exatamente o que não queria nem esperava jamais ser.

Considerações finais

Todas as Dolores em um ponto ou outro visam sair de realidades aprisionadoras. Dolores 1 não gosta de ser vista como um exemplo de esposa nem de mãe, prefere ser vista como de fato é, ela não suporta o meio em que vive. Por isso, quando é vista em um posto de gasolina, justamente o contexto em que quer estar, se entristece por não obter êxito no julgamento dos que a veem. Ela continua sendo a mulher/mãe/esposa. Dolores 2 ousa ao escolher um homem feio, mesmo sendo tão bonita. O fato de Dolores tomar a iniciativa de pedir a mão do homem, principalmente se tratando de um homem desprovido de beleza, revela em que medida ela se tornou puta, no sentido de escolher aquilo que se quer. Dolores 3 foi abandonada e por isso sente raiva da mãe. Fazer os votos e viver lá não foi algo que ela escolheu. Tendo vivido a vida toda com mulheres, anseia por conhecer os homens; sendo enclausurada, almeja estar em qualquer ambiente que não seja aquele. Dolores viveu uma vida de melancolia e abandono, mas isso não a impediu de crer naquilo que as freiras lhe ensinaram. A religião é seu único amparo. A Dolores 4 não é feliz sendo prostituta. O último conto faz referência a um modo de ser das outras personagens. Ela queria ter a vida de mulher de um homem só; ou não ser de ninguém e entregar-se à vida religiosa, referindo-se às personagens de todos os outros contos anteriores.

As personagens possuem um objeto em comum, que é o radinho de pilha. Nele, está a imagem da liberdade, pois quando a Dolores 1 está em um posto de gasolina – na condição de puta – o radinho está presente. Vale ressaltar que quando era a esposa exemplar, o radinho não aparecia. Quando a Dolores 2 se refere à sua condição de mulher casada e liberta – por não ter suportado tanto tantas reclamações para que se casasse – ela está também com um radinho; quando a Dolores 3 cita o objeto, ele é seu único meio de conhecer o mundo e por fim, quando a Dolores 4 sonha com uma vida diferente da que tem ela o cita como um dos elementos de sua paz.

Portanto, a autora dos contos enfatiza o *ser mulher* em suas condições de vida, tratando de suas perspectivas em relação a seu objeto de desejo maior, a liberdade. Elas querem e precisam se libertar daquilo que as oprime e tortura, seja um casamento, uma vida religiosa ou a própria prostituição. Interessante é notar que as três primeiras Dolores querem a condição de prostituta, por compreenderem que isso é a liberdade. Elas almejam dormir com vários homens, não ter responsabilidades familiares e nem cama certa para deitar. Ou seja, até aí a prostituta – ou a puta – é exaltada, mesmo que na realidade, as mulheres que se dedicam a fazer sexo deliberadamente sejam discriminadas. O último conto revela uma faceta contrária a todas as outras concepções apresentadas, mostrando que não é fácil seguir tal destino. A vida negou-lhe a possibilidade de escolher se desejava ou não tomar esse rumo. É óbvio que o preconceito pela classe das mulheres que se prostituem ainda persiste.

A mulher pode ser o que bem entender, ter domínio total de sua vida sem precisar se preocupar com julgamentos alheios. O que inferimos a partir dos contos é que as mulheres querem liberdade para escolher. Fica dito que suas vidas e seus corpos só dizem respeito a si mesmas e nada mais. Aquelas que quiserem casar e seguir o padrão já estabelecido pela sociedade que o façam, mas que o façam por escolha própria e aquelas que preferirem dormir com vários homens em várias camas porque desejam isso também podem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Celeste de Moura. **O século XIX: O mundo burguês/O casamento/A nova mulher: O contexto histórico dos romances Madame Bovary, Ana Karenina, O Primo Basílio e Dom Casmurro.** Evidência, Araxá, v. 8, n. 9, p. 63-80, 2013.

CARVALHO, Silvia Barbosa de. **As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a "fazer a vida no centro da Cidade".** [Mestrado] Fundação OswaldoCruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2000.

LEITE, Ivana Arruda. **Falo de mulher.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **O doce veneno da noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950).** Campina Grande: EDUFCG, 2008.